

## Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil

Ana Beatriz Cerisara\*

**RESUMO:** Este artigo pretende contribuir para o debate em torno da definição da especificidade da profissão de professora de educação infantil. A partir da análise dos depoimentos de professoras e auxiliares de sala é feita uma reflexão sobre a dinâmica das relações entre essas profissionais que atuam diretamente com crianças de 0 a 6 anos em instituições de educação infantil. Para isso são analisados inicialmente aspectos relativos às relações de poder estabelecidas entre as mulheres em nossa sociedade e em seguida aprofundados os fatores que parecem ser determinantes na dinâmica das relações de subordinação/dominação entre as profissionais que atuam lado a lado na educação e cuidado das crianças pequenas, dentre eles: função que exercem (professora e auxiliar de sala), situação funcional (efetiva e substituta) e nível de formação e experiência profissional.

**Palavras Chave:** Educação de crianças 2. Professores de ensino pré-escolar.

**ABSTRACT:** This paper intends to contribute to the debate about the definition of the specificity of the profession of preschool education teacher. Based on an analysis of statements by teachers and classroom assistants, a reflection is made about the dynamic in the relationships between these professions who act directly with children from 0 to 6 years in preschool education institutions. For this purpose, we first analyze factors concerning power relationships established between women in our society, and then deepen an analysis of the factors that appear to be determinate in the dynamic of the relationships of subordination/domination between the professionals who act side-by-side in education and care for small children, among them: the task that they exercise (teacher and classroom assistant), functional situation (full-time or substitute) and the level of education and professional experience.

**Key words:** 1. Education of children 2. Nursery school teachers

---

\* Professora doutora do Departamento de Metodologia de Ensino - MEN da Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC

## Introdução

A problemática a respeito da profissionalização das educadoras que atuam com crianças de 0 a 6 anos em instituições educativas – creches e pré-escolas – tem sido amplamente debatida desde a aprovação da LDB 9394/96. Nesta lei ficou definido que as pessoas que atuam diretamente com essas crianças - tenham formação específica ou não - devem ser consideradas professoras. Além disso, foi estabelecido um prazo até o ano 2006 para todas apresentarem formação em nível superior ou médio. Estas deliberações legais têm fomentado o debate em torno da função que as professoras de educação infantil devem assumir a partir da definição das creches e pré-escolas como instituições educativas não escolares que devem desenvolver atividades de cuidado e educação das crianças pequenas de forma indissociável.

Neste artigo pretendo, a partir da análise da dinâmica das relações das profissionais de educação infantil – no caso das Creches Municipais de Florianópolis, as professoras e auxiliares de sala<sup>1</sup> – trazer contribuições para elucidar o debate em torno da especificidade da função de professora de educação infantil. Para isso analisarei, inicialmente, aspectos relativos às relações de poder estabelecidas entre as mulheres em nossa sociedade e em seguida aprofundarei os fatores que parecem ser determinantes na dinâmica das relações de subordinação/dominação entre as profissionais que atuam lado a lado na educação e cuidado das crianças pequenas.

## As mulheres e as relações de poder

Para avançar na discussão a respeito da dinâmica das relações entre as profissionais de educação infantil<sup>2</sup>, incluindo tanto os conflitos e divergências como as convergências e cumplicidades entre mulheres que pertencem a categorias profissionais diferentes e que convivem em um mesmo espaço, é preciso refletir sobre as modalidades de poder reservadas ao gênero feminino em nossa sociedade, pois, como assinalam Marília Pinto de Carvalho e Cláudia Vianna, “se a parcela fundamental de poder das mulheres não é o poder político, relativo ao Estado, como referir a análise do universo escolar, povoado por mulheres, apenas a categorias políticas?”<sup>3</sup>

Segundo as autoras,

*...os conceitos de público e privado tal como formulados para examinar as relações entre Estado e sociedade civil são insuficientes, pois não examinam a dimensão doméstica e familiar da vida privada, à qual em geral as mulheres estão prioritariamente referidas.<sup>4</sup>*

Diante disso, é possível compreender porque a análise da creche e da escola<sup>5</sup> como universos públicos não pode estar sustentada apenas em categorias políticas, uma vez que o poder das mulheres nestas instâncias não é o político; o que as mulheres têm são poderes periféricos, sustentados, de um lado, na idealização dos poderes femininos e do poder transformador da educação e, de outro, na concepção liberal de sociedade. Neste sentido, afirmam as autoras que:

*A escola no Brasil, a nosso ver, é um dos espaços sociais onde as mulheres puderam desenvolver ao longo do século XX, o exercício de seus poderes, suas influências sociais. Largamente excluídas das dimensões pública e política da sociedade, assim como de boa parte do mercado de trabalho, as mulheres podem ter feito das escolas uma espécie de casamata, uma proteção dentro das próprias estruturas de sua dominação de gênero<sup>6</sup>.*

Desta forma, pensar as dinâmicas das relações entre auxiliares de sala e professoras junto aos grupos de crianças nas creches significa considerá-las também como mulheres que têm sido excluídas das dimensões pública e política da sociedade e que vivem estas relações referidas à dimensão doméstica e familiar da vida privada.

As auxiliares de sala e as professoras vivem no interior das creches relações entre si baseadas na suposta partilha das responsabilidades pela educação das crianças do grupo com o qual trabalham. Estas relações têm sido historicamente conflitivas, sem que haja um desvelamento explícito destes conflitos. Seguindo a análise das relações entre mães e professoras de uma escola, realizada por Marília Pinto de Carvalho e Cláudia Vianna, pode-se afirmar que:

*Como mulheres responsáveis pela educação de crianças, elas compartilham tarefas, modelos ideais de cuidado e de maternagem, características e saberes culturalmente atribuídos a uma natureza feminina. Contudo, estão colocadas em perspectivas diferentes - família e escola - que as conduzem a perspectivas distintas de educação.<sup>7</sup>*

No caso das auxiliares de sala e das professoras<sup>8</sup>, estas diferentes perspectivas em que ambas se encontram precisam ser analisadas levando em consideração tanto a forma como estas duas funções se constituíram, quanto a atual situação em que se encontram essas funções e essas profissionais, considerando as mudanças sócio-demográficas ocorridas nas últimas duas décadas.

A dinâmica das relações estabelecidas entre as auxiliares de sala e professoras das creches que trabalham junto ao mesmo grupo de crianças pode ser analisada levando em consideração a existência de uma hierarquização oficial entre as duas. Esta hierarquização tem sido evidenciada através de indicadores concretos, tais como carga horária semanal de trabalho, salário, formação, divisão de tarefas.

No que diz respeito à carga horária semanal de trabalho das profissionais, há uma diferença entre as mesmas, já que a grande maioria das auxiliares de sala trabalham 30 horas semanais, enquanto as professoras se dividem entre 20 e 40 horas semanais.

Neste aspecto da carga horária semanal está explicitado apenas o horário em que as profissionais permanecem com as crianças na creche. No entanto, o fato de as professoras terem sob sua responsabilidade elaborar o planejamento das atividades, confeccionar materiais pedagógicos, planejar e realizar reuniões com os pais implica em que trabalhem além do horário estabelecido, o mesmo não acontecendo com as auxiliares. O depoimento de uma professora explicita bem esta situação:

*...porque eu não trabalho 8 horas, eu trabalho mais que 8 horas e nesse momento eu não fico lendo um livro, não fico relaxando, eu fico em função da creche e elas (as auxiliares de sala) têm das cinco horas às sete horas porque a partir das cinco as crianças já começam a ir embora, chega às seis horas não tem mais criança nenhuma aqui, então elas trabalham menos, que tem períodos que elas ficam uma hora, uma hora e meia paradas sem crianças, só ficam esperando o horário*



### **Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 113**

*passar. Porque a gente tem que levar o planejamento para fazer em casa, ou algum tema pra estudar, isso elas não têm que fazer. (Teresa, professora)*

Os dados relativos à carga horária, no entanto, podem ser melhor analisados se comparados com o salário recebido pelas profissionais por hora de trabalho, uma vez que há uma diferenciação considerável entre o salário das auxiliares de sala e o das professoras: as primeiras ganham praticamente a metade que as outras.

O depoimento de uma professora entrevistada evidencia que muitos dos conflitos existentes entre auxiliares de sala e professoras ocorrem em função de fazerem as mesmas coisas e receberem diferentes salários:

*Mas é isso mesmo: o salário. Elas fazem a mesma coisa, sabe, às vezes o professor se afasta e é elas (auxiliares de sala) que assumem a turma. É mais fácil uma auxiliar assumir uma turma do que o professor. A professora quando fica sozinha treme nas bases, fica dizendo um mês antes: vou pegar atestado! E auxiliar não, ela encara legal, ela toma conta da sala. É complicado, elas têm a teoria nossa, elas têm a prática e o professor vem com a teoria e às vezes vem com o nariz empinado...eu vejo maior rixa por aí, é isso: é de os professores não assumirem. (Josi, professora)*

A hierarquização entre auxiliares de sala e professoras, embora fique evidenciada através de indicadores concretos, tais como salário, carga horária de trabalho, nível de formação e responsabilidades, atualmente parece estar sendo abalada quando analisada sob o ponto de vista das diferentes formas de inserção das mulheres nessas duas categorias funcionais, em razão das mudanças sofridas tanto no contexto social mais amplo, quanto no interior da educação infantil.

Vários foram os depoimentos a respeito das mudanças ocorridas no interior da creche:

*Mudou muita coisa, mudou o espaço físico, o espaço físico é muito maior, a gente tem cursos mais frequentes, se reúnem mais, têm mais grupos de estudo, a gente está sempre em função das crianças, sempre estudando mais e antes não era tanto assim, antes era mais esse negócio de creche mesmo. Chegou, colocou, comeu, tomou banho*

**114 • Ana Beatriz Cerisara**

*e foi embora. (Luciana, auxiliar)*

Uma auxiliar que trabalha há nove anos também chama a atenção para algumas melhorias, principalmente relativas à formação em serviço e à troca de experiências:

*Tá melhorando! o salário nosso não melhora, mas sobre estudo, formações, cursos que a gente fica aprendendo bastante, entendes? A gente traz coisas novas de outras creches que te passam, a gente forma grupos nesses encontros que a gente faz... (Vânia, auxiliar)*

Outra professora também fala das mudanças ocorridas nos seus nove anos de trabalho:

*Quando eu entrei eu tinha uma cabeça que pensava de um jeito, hoje penso de outro jeito. Quando entrei, a gente lá na creche via mais o lado do assistencialismo, porque eram crianças carentes, a alimentação era precária em casa. Era trabalhar mais a questão da saúde e da alimentação. Hoje eu acho que não, que pra ti ter uma visão diferente de mundo a pré-escola te ajuda... O trabalho melhorou bastante, tenho certeza. Antes tinha o trabalho, mas era muito único, entendeste? Cada um na sua sala, fechava a porta e deu. Não tinha essa integração como hoje. Hoje eu vejo tanto do professor como do aluno precisa ter muita troca, precisa crescer junto. (Teresa, professora)*

Durante a realização das entrevistas, quando questionadas a respeito da existência ou não de conflitos entre auxiliares de sala e professoras, a maioria tende a negar a existência dos mesmos nas relações que mantêm com sua parceira de trabalho. A tendência é fazerem referência a conflitos vividos por outras colegas, em outras creches.

Uma auxiliar, por exemplo, fala o seguinte a respeito das suas relações com as professoras com as quais já trabalhou ou trabalha:

*Assim, o meu relacionamento é bem ótimo, até hoje graças a Deus não teve nenhuma complicação com as outras pessoas. Eu sempre tive professores bons que me ajudavam em sala. Quando era para enfeitar a sala ela pedia ajuda, até levava para casa, fazia, trazia*

### **Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 115**

*prontinho. Esse ano também a C, minha professora, vai ser bem legal no nosso relacionamento. A outra também eu não conhecia, as professoras eu não conhecia, conheci aqui, foi muito bom o relacionamento entre nós. (Sônia, auxiliar)*

Quando questionada se não é uma relação tensa, ela, ao se referir às relações em geral, admite:

*É aquela coisa da competição. No geral mesmo, no nosso não houve competição em momento nenhum. A professora às vezes tinha que faltar, aí eu ficava numa boa, às vezes eu tinha que faltar por causa do meu curso e não havia intriga. Até essa professora que está comigo é muito amiga da gente, uma ajuda a outra. (Sônia, auxiliar)*

Uma professora fala da existência de rixas entre auxiliares de sala e professoras, devido exatamente à falta de diferenças entre elas:

*Eu acho que onde tu dizes que dá rixa é que o professor, ele treme mais nas bases do que a auxiliar e vê aquele profissional competente que até então só servia pra fazer o serviço bruto e ele vai se relacionando com a mãe perfeitamente, tanto que as mães nem sabem quem são os professores, não tem diferença para elas, porque elas têm boas informações.... (Josi, professora)*

Luciana, que é auxiliar, também admite a presença de discriminações de professoras em relação às auxiliares, quando se refere às relações em geral:

*...porque existe muita discriminação entre professor e auxiliar, com a criança não. A gente discute, às vezes a gente vê elas falando, que às vezes auxiliar de sala serve só para limpar a mesa, varrer a sala, às vezes tem muita reclamação de outras creches. Porque a gente ouve isso, é o que mais se ouve ... professora que manda na sala, que a gente fica de canto, só limpando, às vezes precisa falar mais alto, aqui dentro a gente não tem esse problema, pelo menos eu não tenho, mas existe. (Luciana, auxiliar)*

Uma professora, no entanto, acredita que não há discriminação das professoras em relação às auxiliares de sala, uma vez que estas são inclu-

**116 • Ana Beatriz Cerisara**

idas em todas as atividades realizadas:

*...(nas paradas mensais) a gente tem uma reunião geral na administração e depois a auxiliar fica junto com o professor, organização da sala, planejamento com o seu professor. Se vier algum curso, a auxiliar também pode participar, depende do interesse da auxiliar também. Então não tem muita discriminação, eu acho que elas se discriminam mais do que a gente. Porque a gente tenta puxar elas direto pro serviço. (Teresa, professora)*

Outra professora que trabalha há 17 anos na RME<sup>9</sup>, afirma que, quando começou, havia mais rixa entre auxiliar de sala e professora do que atualmente, pois as concepções do trabalho eram diferentes:

*Tinha, lá sim tinha mais rixa, porque elas ganhavam mais e faziam a mesma coisa, porque não sei porque professora de berçário deveria ser só auxiliar, porque é só trocar, dar comida, elas tinham essa concepção... (Josi, professora)*

Uma professora acredita que a relação entre ela e as auxiliares fica mais ou menos difícil, dependendo da postura das auxiliares:

*Depende da pessoa, porque tem auxiliar que trabalha, quando tu não sabes, porque te falta experiência então ela vai lá... Então na hora do canto ela tem mais experiência, então ela consegue andar mais junto contigo, tem outras que querem mesmo é te ultrapassar, esquecem que tu és professora, vai lá já faz o que quer, ou diz essa é a minha turma. (Teresa, professora)*

Seu depoimento aponta para um estado de indefinição das tarefas e responsabilidades, o que acaba por trazer conflitos do mesmo tipo que os constatados entre mães e professoras, na pesquisa realizada por Marília Pinto de Carvalho e Cláudia Vianna:

*Essas indefinições quase sempre dão origem a sentimentos de inadequação e incômodo e a situações de conflito. Nas falas das educadoras, repetem-se os comentários sobre a necessidade de colocar limites, de "breçar" as mães, acabar com os "palpites". Os espaços da escola e especialmente a*

## Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 117

*sala de aula, são defendidos como territórios que não podem ser invadidos por estranhos<sup>10</sup>.*

A fala da professora Teresa parece evidenciar uma necessidade de manter os lugares de poder tal como têm sido formalmente estabelecidos, mesmo que, na prática, em muitos casos, eles não se justifiquem mais. Nesse sentido, as professoras aparecem querendo “breçar” as auxiliares de sala, que estão invadindo o território que deve ser seu, e algumas auxiliares parecem se valer do *não saber* das professoras para desestabilizá-las e mostrar que, na realidade, são mais do que elas, mesmo que isso não seja reconhecido oficialmente. Ela ainda acrescenta:

*Depende da auxiliar que estiver em sala contigo, tem umas que não, que contribuem para o teu trabalho e tem outras que não, elas querem passar por cima de ti mesmo. Aí eu digo: pára lá, tu tens mais experiência, mas na sala, a professora sou eu. Vamos trabalhar junto, vamos tu contribuir com o teu lado e eu com o meu, mas vamos construir juntas, porque senão quando tu vê.... (Teresa, professora).*

Este depoimento parece ilustrar o quanto a convivência destas duas profissionais junto a um mesmo grupo de crianças, de acordo com as regras e normas estabelecidas quando do início das creches, tem se tornado bastante complicada diante da conjuntura atual.

A dificuldade parece aumentar à medida que determinadas competências entram em cena e que não são fruto da formação acadêmica formal, mas foram construídas no cotidiano do trabalho junto às crianças nas creches. Assim, muitas vezes, de um lado, as auxiliares de sala parecem deter um conhecimento maior da rotina do trabalho, pela permanência delas nesta função e, de outro, as professoras constatam que os cursos que deveriam lhes fornecer as bases para desenvolver o seu trabalho com competência e que lhes assegurariam legitimidade no controle do mesmo, na verdade, não as têm preparado para enfrentar a realidade das creches.

Um aspecto que chamou atenção nos depoimentos foi a dificuldade para estabelecer uma divisão clara de tarefas, aparecendo muito mais uma falta dessa divisão. Várias podem ser as explicações para esse fato, mas duas merecem destaque: uma delas pode estar relacionada ao que já foi indicado anteriormente a respeito das formas femininas de relacionamento, em que predomina a indefinição das tarefas, a simultaneidade de

## 118 • Ana Beatriz Cerisara

ações; a outra pode ser atribuída a um estado real de indefinição das funções, quais devem ser das auxiliares de sala e quais devem ser assumidas pelas professoras, devido a uma (re)significação do papel educativo, tanto da creche quanto de suas profissionais.

A Divisão de Educação Pré-Escolar da SMEF<sup>11</sup>, em documento aprovado em 1986, tem uma lista das atribuições da diretora, supervisora, auxiliar de direção, professora e auxiliar de sala. No entanto, essas atribuições parecem não estar muito presentes para as profissionais das creches. Seguindo os depoimentos, praticamente não há divisão de tarefas entre elas:

*...a minha (relação com a auxiliar) sempre foi tranqüila, só que eu tento dividir o trabalho, tento passar para ela. Se é o trabalho em grupo, o que eu faço com o meu grupo, ela faz com o grupo dela, passo pra ela, trabalho junto mesmo. Porque a função dela não é ir lá e limpar a sala, trocar a criança, sei que não. Ela tem que ter experiências também, tem que saber conversar...a minha auxiliar que eu peguei agora, ela no primeiro dia acalmou as crianças, assim que foi uma beleza e eu fiquei parada... (Cida, professora)*

Este depoimento evidencia que ambas assumem, na prática, a função de educadoras junto às crianças, chegando a acontecer, em alguns casos, a coordenação das atividades pela auxiliar de sala.

O relato da rotina diária de uma auxiliar pode ajudar a ilustrar esta indefinição de papéis:

*...quando a gente chega, eu chego antes da professora, às vezes, aí eles acordam e eu tenho que botar sapato, botar eles no banheiro pra eles fazerem xixi, é a higiene, né? lavar as mãos, depois tem o lanche, aí eu tenho que buscar o lanche e dou o lanche pra eles, aí eles acabam o lanche, aí a professora começa as atividades daí eu vou ajudá-la, depois da atividade a gente vai pra rua, aí tem o intervalo do cafezinho né? quinze minutos pra uma, quinze minutos pra outra, depois a gente traz eles pra dentro, dá a janta e eu ajudo ela a trocar de roupa e ela também me ajuda, e não é só eu que faço tudo, ela também me ajuda. (Sônia, auxiliar)*

Outra auxiliar de sala fala que é a mesma a coisa ser professora e auxiliar de sala, pois dividem todas tarefas:

### **Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 119**

*...porque é a mesma coisa, porque eu já vi professores que limpam a mesa, professores pegando a vassoura pra varrer a sala, ela varria a sala, ela limpava a mesa, em qualquer atividade a gente estava sempre junta, uma pega folha, a outra coloca o nome, a outra bota a criança sentada, sempre assim. O objetivo é o mesmo, a reação é a mesma, não é eu ficar aqui sentada e tu vai fazer, não é eu que vou ficar olhando e tu vai aprender, não é sempre juntos, na hora de planejar a gente está sempre juntos, fazendo o planejamento do mês a gente está sempre juntos. Não pode faltar mesmo, no planejamento a gente tem que estar sempre ali pra ver o que vai fazer esse mês. Essa é a semana da criança, é dia da criança, é páscoa, vamos fazer uma orelhinha, vamos pintar, então tudo junto. (Luciana, auxiliar)*

A única tarefa que parece ser apenas da responsabilidade da professora é o planejamento, segundo algumas auxiliares:

*A professora planeja, planeja matéria o que vai dar em aula, ai ela dá, conto historinha com ela às vezes quando estou em sala com ela, o que tem que fazer às vezes ela deixa escrito, para o auxiliar fazer. (Sônia, auxiliar)*

A partir desses depoimentos, pode-se inferir que a suposta definição de atribuições, que delega à professora a responsabilidade do trabalho a ser realizado junto às crianças e que coloca a auxiliar de sala em posição de subordinação a esta, não tem se concretizado na prática. Pois, se oficialmente é a formação específica que garante às professoras a legitimidade no controle do trabalho realizado junto às crianças, e a falta desta formação é o que justifica as auxiliares de sala ficarem sob a orientação da professora, na prática isso pode não acontecer.

Num depoimento, uma professora afirma que tudo que a auxiliar de sala faz ela também faz, mas nem tudo que ela faz a auxiliar faz:

*...de repente tudo o que ela faz eu faço, trocar criança, limpar a sala, limpar a mesa, essas coisas...agora às vezes até planejo uma atividade e dou pra ela, ao invés de eu fazer a atividade ela faz, mas geralmente é o professor que faz as atividades e o auxiliar só auxilia mesmo, eu acho que a diferença está nisso. (Cida, professora)*

Esta professora revela que acredita que a professora é quem ensina e a auxiliar não:

**120 • Ana Beatriz Cerisara**

*... a gente (professora) está aqui para ensinar, a função da gente é professora. A auxiliar de sala não ensina... Até ensinam, eu acho que fazem até tudo o que eu faço, mas elas ensinam no momento que não tem um professor na sala, eu acho. Se tem um professor, a responsabilidade se joga tudo pro professor, eu acho que o professor é responsável por tudo. (Cida, professora)*

Ela parece querer se convencer do que diz, pois diante de qualquer questionamento admite que, apesar dos seus esforços para se manter no lugar da que ensina, muitas vezes se sente superada pela auxiliar de sala:

*... eu tenho que planejar os objetivos, como é que eu vou trabalhar com as crianças... a auxiliar não planeja nada e às vezes consegue muito mais do que o professor que faz planejamento. É complicado! (Cida, professora)*

A impressão que esta professora transmite é de que seu conceito de professora fica profundamente abalado pelo tipo de trabalho que desenvolve na creche, em que não consegue se ver como professora, tal como ela imaginava que deveria ser. A presença da auxiliar de sala só agrava o seu desconforto e o conflito em relação à sua função e à diferença entre ela e a auxiliar.

É possível constatar, portanto, a existência em muitos casos de uma *falsa hierarquização*, que é sentida tanto pelas auxiliares de sala, que se sentem injustiçadas ao não terem reconhecidas suas competências, quanto pelas professoras, que tentam a todo custo manter a aparência de quem detém a competência, mas que, na verdade, tem dúvidas a respeito de suas condições para assumir sua função, chegando algumas a ter clareza de seus limites:

*...elas pouco podem contar com sua formação técnica para o magistério, quase sempre precária e muito referida à domesticidade e maternagem. No exercício da profissão encontram péssimas condições de trabalho e são socialmente desprestigiadas, consideradas como profissionais de 2ª categoria, missionárias ou diletantes. Assim, elas questionam com muita frequência sua própria capacidade e competência e são profundamente vulneráveis a toda crítica a seu trabalho.<sup>12</sup>*

Quando se referem aos possíveis conflitos vividos entre elas, ape-



### Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 121

nas uma professora fez referência ao fato de todas serem mulheres e das conseqüências que isso pode trazer:

*Mulher quando se junta é um fuziê, mulher fala tudo junto. É uma coisa assim que é dela mesmo, parece que ela tem necessidade de colocar pra fora e tem mulher que foi muito reprimida, né? Que hoje em dia a relação homem-mulher não está muito definida. Eles acham que mulher tem que ser muito submissa, mulher tem que passar roupa, pra cuidar dos filhos, pra trabalhar fora, mas ela não pode ter seu momento de lazer, ela não pode sair com as amigas, as amigas não prestam... Quando elas se reúnem, elas querem se expandir, elas querem falar e se não pode falar para ajudar, então pra malhar. Mas pelo menos eu tô falando né? Alguém está me ouvindo, né? Em casa eu não sou um objeto pra trabalhar ou objeto sexual. Então mesmo falando mal da outra, mas alguém está me ouvindo. Eu acho que tem essa necessidade. (Teresa, professora)*

O depoimento desta professora evidencia uma clareza a respeito da existência de um jeito feminino de se relacionar e da condição de subalternidade que estas mulheres têm vivido, tanto na esfera doméstica quanto na esfera pública. A creche acaba sendo um lugar em que podem se manifestar. Nem sempre, no entanto, essas relações se dão simplesmente entre auxiliares de sala, sem formação inicial, e professora, com formação, pois a atual conjuntura na RMEF admite situações em que professoras assumem funções de auxiliares de sala, como uma forma de optar pelo vínculo efetivo. Estas novas composições de cargos e formação passam a alterar a dinâmica das relações tal como se constituíram, de sua origem até os dias de hoje.

#### **Efetivas e substitutas**

Os dados relativos à situação funcional (efetiva ou substituta) parecem corroborar uma idéia de que as diferentes condições de estabilidade no emprego (isto é, o ingresso no cargo como efetiva ou substituta) tem sido fator relevante para as profissionais que podem optar entre ser professora ou auxiliar de sala. Ou seja, muitas das profissionais com formação suficiente para assumir o cargo de professora têm escolhido ser **auxiliar de sala efetiva**, pertencer ao quadro de uma creche (o que significa

## 122 • Ana Beatriz Cerisara

ter vínculo empregatício), trabalhar seis horas por dia, submeter-se a um único concurso de seleção simplificado, a assumir a função como **professora substituta** da RMEF (o que significa ficar sem emprego a cada ano no mês de dezembro submeter-se a uma nova seleção a cada início de ano, com poucas possibilidades de permanecer na mesma creche, ter sua carga horária definida pelo número de vagas disponíveis e não por sua própria escolha, não poder escolher nem a creche e muito menos a faixa etária com que prefere trabalhar).

Estes dados ratificam alguns estudos que, segundo Cristina Bruschini e Tina Amado, apontam as vantagens do serviço público como uma das razões para a escolha do magistério e para a permanência nele, o que pode ser estendido a outros servidores, neste caso específico, as auxiliares de sala:

*...além da estabilidade e dos conhecidos benefícios, como outros servidores, professores(as) praticamente não sofreriam controle de qualidade de sua produção. Além disso, o setor público seria atraente devido aos já mencionados critérios universais de seleção e promoção e, uma vez efetivados, servidores enfrentariam muito menos competição do que no setor privado.<sup>13</sup>*

Até que ponto estes dados indicam que os fatores que determinam a escolha da função - para aquelas que podem escolher - não são mais o salário ou o status da profissão? Ou ainda, há indícios de que o quadro das educadoras de creche - auxiliares de sala e professoras - tem, na última década, apresentado mudanças significativas no seu perfil, tendendo para uma aproximação entre as mulheres que pertencem a estas duas categorias?

Da mesma forma como foi indicada a possibilidade do surgimento de uma *nova geração de auxiliares de sala*, talvez possa ser delineado um esboço de uma *nova geração de professoras*, decorrente das fortes mudanças sócio-demográficas ocorridas na vida destas mulheres nos últimos anos.

O problema das professoras substitutas permanece como uma constante, havendo um número elevado das mesmas. Pelos dados obtidos junto às creches, isto acontece porque todos os cargos técnico-administrativos, tanto nas próprias creches quanto na equipe central da prefeitura, são ocupados por professoras do quadro das professoras efetivas das creches. Na ausência destas, são contratadas substitutas, com contratos que podem ou não ser renovados anualmente. Na amostra investigada, mais da metade das professoras(56%) que atuam diretamente com as

### Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 123

crianças são substitutas, sendo as demais efetivas.

Para que a renovação de contrato aconteça, é preciso que as professoras se submetam a seleções anuais, sem nenhuma garantia de emprego e sem que tenham vínculo empregatício e, portanto, sem os benefícios trabalhistas que um contrato de trabalho traz. A estabilidade funcional, aliada à facilidade no ingresso, tem sido apontada como uma das causas de haver um número cada vez maior de auxiliares de sala com formação de nível médio, ou seja, magistério.

As auxiliares de sala, apesar de receberem salário inferior e trabalharem mais horas, acabam gozando de uma condição de estabilidade no emprego, uma vez que todas são efetivas.

Uma das conseqüências deste número elevado de professoras substitutas reside no fato de que estas profissionais a cada ano trabalham em uma creche diferente, em um bairro diferente. Com isto não é incomum a presença de uma auxiliar de sala com até 14 anos de serviço estar trabalhando com uma professora substituta que está pela primeira vez naquela creche e com aquela faixa etária, pois ela não pode escolher nem a turma, nem a carga horária de trabalho. Tudo depende da necessidade de cada creche, o que coloca a professora em uma condição de total instabilidade tal como mostra o depoimento a seguir:

*Tu chegas na creche, tens que expor a documentação, exames, exames de tórax, exame de sangue, todos os tipos de exames, aí passa pela junta médica, o médico aprova, e se não aprovar tu não pegas. Aí o médico aprova, dali vai para a administração, depois vem o encaminhamento, ou vem da escola. Aí chega aqui, digo: sou professora substituta, qual a turminha que vou pegar? Tal turminha... e aquela turminha a gente pega. A gente nunca sabe da escolha, se é pré, se é maternal, se é berçário... (Marta, professora).*

A professora Teresa, que é efetiva há apenas 3 anos dos 10 anos que trabalha na Prefeitura, reforça a idéia de que ser substituta traz uma instabilidade que leva à falta de criação de elo ou de continuidade do trabalho:

*...tu não cria elo, o teu trabalho não tem uma continuidade, e tu todo o final de ano estás desempregada, aí vem aquela angústia: será que vou conseguir emprego? Será que não vou conseguir? E tu com filho, a tua cabeça fica confusa. (Teresa, professora)*

## 124 • Ana Beatriz Cerisara

Ela acrescenta ainda os limites que este tipo de contrato de trabalho traz para o aperfeiçoamento profissional:

*...naquele tempo, como eu era substituta tu não aprende muito o lado pedagógico, essa parte, como tu és substituta e não aproveita isso, tu não cresce muito o teu lado pedagógico, tu cresce o teu lado emocional, porque tu convives com pessoas diferentes. (Teresa, professora)*

Ou:

*Quando tu és substituta é uma loucura, tu vê mais o teu lado emocional, a convivência traz mais para esse lado, conhecer os modos diferentes de cada um, as crianças de cada bairro diferente, todo bairro não é igual ao outro. Os pais que tu convive, aí tu desenvolve mais esse lado social, bem dizer. (Teresa, professora)*

Se podem ser percebidas mudanças no perfil das auxiliares que estão há menos tempo na prefeitura, o mesmo pode ser constatado no perfil das professoras, se for levado em consideração o depoimento desta professora, em que fica evidente uma situação de vulnerabilidade, aliada a uma grande instabilidade e à impotência ou frustração diante da sua condição atual. Ao responder sobre como se sentia sendo professora substituta e se pretendia continuar nisso, ela disse:

*...eu acho que está cada vez pior, porque a cada ano que passa as pessoas mudam do Estado e passam para a Prefeitura. Tem gente que já está aposentada, aí vão lá na Prefeitura e pegam os primeiros lugares e os novos vão ficando para trás toda a vida...está cada ano pior a seleção, esse ano eu só consegui 20 horas e nos outros eu conseguia 40...tem muita gente e pouca vaga. Se esse ano eu só consegui 20 horas, ano que vem acho que nem consigo... (Marta, professora)*

Seu desânimo diante das poucas perspectivas fica evidente, quando diz:

*Esse ano está bem ruim, não sei porque, mas está ruim, acho que não é só pra mim não, porque eu tenho conhecidas minhas que estão desempregadas e não conseguiram, elas chegaram atrasadas, poucas tiveram sorte, pegaram 40 horas, outras pegaram até junho e depois vão ficar desempregadas. Eu consegui até dezembro, mas estou batalhando por mais 20 horas, porque com 20 horas eu pago o aluguel da casa*

### **Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 125**

*e fico sem dinheiro. Se com 40 já é ali, imagina com 20...a gente fica um pouco desmotivada e as crianças não têm culpa de nada. A gente vive num país assim, onde o salário é muito baixo e as condições de vida são ruins. (Marta, professora)*

A análise das relações e a viabilização de um trabalho de qualidade passam pelas condições concretas de organização do trabalho, vínculo, carreira e experiência das profissionais de creche. Devem, portanto, acompanhar o processo de constituição da nova identidade das professoras de educação infantil.

#### **Formação e experiência:**

Um dos pontos destacados tanto pela literatura quanto pelos depoimentos das entrevistadas em relação às diferenças entre auxiliares de sala e professoras, determinante, portanto, na dinâmica das relações de subordinação/dominação entre elas, é a formação específica para a área das professoras e o baixo grau de instrução das auxiliares de sala.

Mesmo que destoando do quadro nacional, em que as profissionais de creche não têm como exigência formação no magistério e apresentam um nível de formação bastante baixo (na sua maioria com ensino fundamental incompleto)<sup>14</sup>, a situação das auxiliares de sala da RMEF apresenta um quadro bem diferenciado: mais da metade tem formação em nível médio e superior. Das 45 auxiliares de sala, 11 (24,3%) têm formação em ensino fundamental, quatro (8,8%) incompleto e sete (15,5%) completo. Destas 11 auxiliares, nove têm de 6 a 14 anos de exercício desta função em creches da Prefeitura e apenas duas até 3 anos.

Os dados das quarenta e cinco auxiliares de sala que responderam ao questionário indicam que 46,6% (vinte e uma) estão trabalhando há menos de 3 anos, enquanto 53,3% (vinte e quatro) têm de 4 a 14 anos de experiência na função.

A análise dos dados destas profissionais mais recentes parece não destoar das mais antigas, a não ser em relação ao nível de formação. Por exemplo, das setenta e sete profissionais - professoras e auxiliares de sala - pesquisadas, apenas doze (15,5%) estão frequentando algum curso de ensino médio e superior, sendo metade delas (6) auxiliares que têm até 3 anos de prefeitura. Destas seis, quatro estão fazendo cursos de ensino

médio que habilitam para o cargo de professora.

Além disso, do total de vinte e uma auxiliares de sala com menos tempo no exercício desta função, quatro já apresentam a formação necessária para assumir a função de professora, o que permite constatar um nível de formação mais elevado das auxiliares que estão há menos tempo na prefeitura, quando comparado com os dados relativos às auxiliares que apresentam o menor índice de formação dentro da amostra pesquisada.

As professoras apresentam um nível de formação mais elevado do que o apresentado pelas auxiliares de sala. Apesar de o critério para ingresso de professoras nas creches municipais seja ter curso de ensino médio magistério com adicionais em pré-escola, 13% da amostra tem apenas o magistério em nível médio. Segundo informações obtidas junto à Divisão de Educação Pré-Escolar, é permitido o ingresso de professoras com essa formação quando não há mais professoras com adicionais para o preenchimento das vagas disponíveis.

A maior concentração é de professoras com curso de ensino médio magistério com adicionais em pré-escolar. Com um nível de formação superior ou com especialização, há 34,3% das professoras, sendo que apenas 16% dessas têm curso superior de pedagogia, habilitação em pré-escolar.

Estes dados podem ser um indicador de que as professoras com formação em nível superior pedagogia, habilitação pré-escolar, por apresentarem uma formação mais específica na área, estejam assumindo cargos administrativos e técnico-pedagógicos, o que também revela uma tendência presente no cenário nacional: quanto mais qualificada a profissional, menos ela trabalha diretamente com as crianças.

De toda forma, o conjunto de todos esses dados, relativos tanto à formação quanto ao tempo de serviço, parecem indicar uma tendência no sentido de uma certa proximidade no perfil das auxiliares de sala e das professoras que ingressaram mais recentemente, sem que discrepâncias maiores possam ser apontadas, principalmente no que diz respeito ao nível de formação. No caso dos últimos concursos seletivos realizados para auxiliares de sala, o nível das candidatas, no que diz respeito à formação, tem sido a cada ano mais elevado.

O depoimento de uma auxiliar que tem apenas o ensino fundamental evidencia sua constatação relativa ao aumento no nível de formação de algumas auxiliares:

### **Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 127**

*...a diferença que eu vejo é que a professora, pelo menos a que trabalha comigo, porque nós temos também a auxiliar de sala que tem magistério, já tivemos auxiliares em salas que são professoras formadas... (Isa, auxiliar)*

Neste contexto das relações de subordinação/dominação entre auxiliares de sala e professoras, outro aspecto bastante destacado pelas profissionais entrevistadas foi o da experiência em relação à formação. Ou seja, se ter formação é um aspecto determinante no lugar de poder que a profissional assume no interior da sala em que trabalha, a experiência acumulada por algumas auxiliares de sala aparece como aspecto real na determinação de quem detém o controle/poder em sala.

A análise das entrevistas com as auxiliares e dos dados dos questionários parece indicar a presença de dois grupos de auxiliares: o das mais antigas, que exercem esta função há mais de nove anos e cujo traço mais marcante é não ter podido estudar mais para poder exercer a função de professora e o das mais novas, que trabalham há menos de três anos e apresentam um nível de formação mais elevado.

Com este novo quadro, as relações hierárquicas baseadas no critério de formação ficam abaladas, alterando as relações de poder supostamente existentes entre auxiliares de sala e professoras, uma vez que as relações de poder também são determinadas por outros elementos internalizados pelas mulheres destas diferentes categorias funcionais, mais uma vez podendo ser transportado para o universo da creche e das relações entre auxiliares de sala e professoras o que foi constatado nas relações entre mães e professoras:

*... podemos dizer que parte da desigualdade de poder que se verifica nas relações escola/família pode ser explicada por uma diferença de posição social, entre profissionais em maior ou menor grau identificados com uma instituição estatal e dispondo de algum poder e pais de alunos de classes subalternas, que freqüentemente introjetam, eles mesmos, preconceitos sobre sua própria classe social. Essa diferenciação não depende estritamente de disparidades materiais, nas condições de vida, pois é também fortemente simbólica, assentada em estereótipos sobre a "criança*

*carente”, a “família desestruturada” e a “ignorância e indolência” das classes subalternas no Brasil<sup>5</sup>.*

Fazendo parte do que se pode delinear como esta *nova geração* de auxiliares (não no sentido da faixa etária, mas do tempo de trabalho nesta função), a auxiliar Sônia evidencia uma forma de ingresso no mundo do trabalho diferente das demais auxiliares entrevistadas, que estão há mais tempo neste trabalho:

*Eu só estudava, eu fazia cursinho, ficava em casa, eu já não estava agüentando ficar em casa sem fazer nada, e pra sair tinha de pedir dinheiro para os pais e não dava, então era preferível não pedir e não sair de casa e trabalhando eu acho que a gente vai abrindo a cabeça. E a criança era uma maneira de tu conhecer o mundo, se relacionar com elas...eu comecei a fazer o curso (3º grau) no mesmo ano. Eu comecei...eu era da turma de janeiro e comecei a trabalhar aqui praticamente em maio... (Sônia, auxiliar)*

Interessante notar que apesar de estar fazendo curso superior, não evidencia vontade de deixar de ser auxiliar:

*Não sei (se pretendo continuar como auxiliar quando me formar), neste curso que eu estou fazendo de serviço social, está me dando muita abertura pra conhecer as crianças realmente, porque não trabalha só o social, psicológico, tudo, né? E aí tu vai ajudando na sala de aula, ajudando os professores a relacionar isso, com a criança, com os pais, é muito interessante...se tiver uma chance pra trocar...agora se não der eu fico como auxiliar de sala. (Sônia, auxiliar)*

Surge, portanto, um tema que merece um tratamento mais detalhado que diz respeito à invisibilidade dos saberes destas profissionais de creche. Esse tema tem sido abordado quando analisada a problemática da invisibilidade do trabalho feminino no campo, pelo fato de estar diretamente associado ao trabalho familiar, o que pode ser estendido à situação das professoras e auxiliares de sala que trabalham nas creches:

*O invisível é desvendado no plano simbólico, na caracterização do trabalho “complementar”, de “ajuda”, “acessório”. Ou, no dizer de Beck et al. (1983), “um trabalhinho à toa”. O me-*



## Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 129

*canismo para descortiná-lo consiste na identificação dos espaços sexuados dentro das próprias unidades, onde produção e reprodução permanecem integrados.<sup>16</sup>*

Nesta mesma direção, ao analisar o trabalho das funcionárias de uma escola, Marília Pinto de Carvalho destaca que a invisibilidade desses conhecimentos adquiridos informalmente ao longo de toda uma vida, acaba por acentuar a desvalorização social desse tipo de ocupação, considerada “sem qualificação”.<sup>17</sup>

De certa forma é o que indica o depoimento de algumas auxiliares ao constatar a existência de um saber que não se torna visível e que, portanto, não é valorizado:

*...já aconteceu assim, às vezes de a professora não ter muita experiência, porque acontece também disso de as professoras virem pra dentro da sala de aula e não terem experiência e a auxiliar já trabalha há mais tempo, já tem experiência e querer passar na frente. Então aquilo ali é um bloqueio, porque o professor, eu me sentia às vezes meio bloqueada, quando vem uma professora nova pra sala, que nunca tinha trabalhado com aquela faixa etária, ou que nunca tinha trabalhado com crianças, que era concursada pela primeira vez, e que ela se inibia um pouco e eu tinha dificuldade de passar o que eu sabia pra ela, que eu tinha medo de errar, porque no fim eu sabia que no fundo ela sabia mais do que eu, mas depois com o passar dos dias, a gente ia assim, conversando mais, e a coisa já vai engrenando e uma já começa a passar pra outra, e aí no fim a coisa fica legal. (Isa, auxiliar)*

O estudo assume a importância da qualificação frente a uma não qualificação do saber que ela sabe possuir, mas que é invisível:

*...eu é que não tenho essa formação... hoje eu até não vejo tanto, mas antes eu achava que eu era nada nisso, que eu era nada disso dentro da sala de aula só porque eu não tinha um estudo a mais... (Isa, auxiliar)*

Uma auxiliar apesar de não ter estudo defende que o seu trabalho é tão necessário e importante quanto o da professora:

### 130 • Ana Beatriz Cerisara

*Eu acho, porque eu estou ali, eu estou auxiliando, porque eu não tenho ... quer dizer eu não estudei, muitas não estudaram para ser professora, mas assim em relação às funções eu acho que não tem diferença, a única diferença é o estudo mesmo. (Luciana, auxiliar)*

Outra auxiliar assume que na convivência com as professoras tem aprendido a fazer bem o seu trabalho, mesmo dando uma importância fundamental ao estudo:

*Sei lá, eu acho que o estudo é tudo, a pessoa tem que estudar pra ser alguma coisa, por exemplo eu não tenho, mas eu acho que eu faço bem o meu trabalho, apesar de eu não ter formação que a minha professora tem, mas eu acho que se a gente planejar junto e ela não vier o trabalho vai acontecer a mesma coisa, eu acho que eu tenho essa capacidade, e também como eu já trabalhei com professores que já me disseram isso, que realmente o meu trabalho é um trabalho muito bom, que eu estou ali toda a hora, que eu me esforço pra isso até pra eu ter um conhecimento melhor, tem que ser através delas que eu tenho um pouco mais e que eu pretendo dar. (Isa, auxiliar)*

Um depoimento mostra como algumas vezes é a auxiliar que sabe o que deve ser feito, principalmente quando a professora está começando:

*Porque tem professora que dá aula de 1ª a 4ª série e às vezes entra na sala: Meu Deus, não era isso que eu trabalho, que eu faço, nunca trabalhei com crianças, então assim a gente vai fazendo assim e no dia-a-dia ela vai pegando, entende? A coordenadora está lá também pra auxiliar... a professora de 1ª a 4ª série que chega aqui e não sabe o que fazer com a criança. Daí a gente que já tem mais prática, a gente vai dizendo. Também tem a coordenadora que ajuda a fazer o planejamento, o que a gente deve fazer, o que a gente não deve... (Vânia, auxiliar)*

Nesta mesma direção é a fala desta outra auxiliar de sala:

*A única diferença é que a professora tem o magistério e eu não tenho. Só que às vezes tem professora que tem magistério e tal, mas não tem a experiência que nós temos. Então muitas coisas elas perguntam pra gente e a gente ensina, então eu acho que não tem diferença entre*

### **Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 131**

*professora e auxiliar, vai da experiência do dia-a-dia. (Luciana, auxiliar)*

Mais adiante ela admite que existe uma maior responsabilidade da professora:

*Bom, a responsabilidade maior é da professora né, sobre as atividades, só que nós estamos sempre juntas pra opinar também, porque a gente também pode opinar, e a professora I. ensinou muitas coisas pra mim, o que nós vamos fazer, vamos sair um pouco da sala. (Luciana, auxiliar)*

Uma professora acredita que há rixas entre as profissionais em razão do processo cumulativo de conhecimento e de experiência por parte das auxiliares de sala e a situação de professoras sem experiência anterior ou novas na creche, por serem substitutas e a cada ano começar em uma creche diferente:

*Já pegamos péssimas professoras e as auxiliares tomam conta e elas (as professoras) até saíram, porque dá esse choque mesmo. Porque talvez elas venham sem experiência e pega aqui um profissional com experiência. Ao invés de se associar, as pessoas partem para a rixa e aí nada caminha mesmo... (Josi, professora)*

Os dados a respeito do histórico das 77 profissionais que responderam aos questionários e que exercem as funções como auxiliar de sala e professora junto às creches municipais evidenciam a existência de dois movimentos distintos no percurso das auxiliares de sala e das professoras. Enquanto as primeiras tendem a permanecer na creche em que ingressaram, pelo fato inclusive de já entrarem fazendo parte do quadro das auxiliares efetivas de cada creche, as professoras apresentam um alto índice de rotatividade, devido à existência de professoras substitutas.

Os dados relativos ao tempo de prefeitura e ao número de locais (creches ou NEIS) em que trabalharam também corroboram a idéia de que as auxiliares de sala têm podido acumular uma maior experiência, pelo fato de permanecerem em um único local de trabalho.

Outro aspecto que é ressaltado nos depoimentos diz respeito à importância ou não de fazer cursos. Uma auxiliar, por exemplo, dá valor aos nos tência de saberes não visíveis, que não são aprendidos nos cursos

## 132 • Ana Beatriz Corisara

que as professoras fazem:

*Eu não estou dizendo que não é importante fazer curso, claro, sempre é bom fazer curso, eu acho ótimo, de vez em quando a professora aí dá curso pra gente fazer, a gente aprende muito com os cursos, além do que tu sabes, tu aprende mais, e é ótimo fazer curso, só que às vezes tem pessoas que fazem curso e não passam nada em sala de aula. Não consegue expor. (Luciana, auxiliar)*

Uma professora fala a respeito do movimento das auxiliares de sala que voltaram a estudar, pois acham o salário que ganham muito baixo:

*Como a maioria daqui está estudando. É o que eu sempre disse: não adianta reclamar que o professor ganha mais ou menos, acho que tem que se formar também, tem um monte fazendo adicional e tudo aquilo. Não dá pra parar e reclamar, fica reclamando que é auxiliar, fica fazendo serviço mal feito. Desde que tu entra e trabalha com valores humanos não dá pra pensar isso. Eu também acho que eu ganho pouco, eu também estou brigando, mas acho que não dá pra fazer mal feito. Eu acho que isso implica, mas não justifica, você não vai fazer um péssimo trabalho porque ganha pouco... (Josi, professora)*

Outro aspecto destacado é a idéia de que há um saber que pode ser aprendido no dia-a-dia:

*Eu não sei, até hoje pelo que eu tenho trabalhado, com todas que eu trabalhei, no começo eu tinha um pouco de dificuldade, no primeiro ano, vamos supor, meio ano ... Mas assim, eu adquiri muita experiência aqui dentro, porque a prefeitura promove curso pra gente, que a gente trabalha, está batalhando, porque eu não gosto muito de ler, eu acho que o que faltava pra mim me realizar mesmo como profissional era ter estudado mais e ter uma formação melhor, mas no dia-a-dia em sala de aula, eu acho que entre eu e a professora, pelo menos o que eu já ouvi delas, não tem muita diferença, só que eu vejo o meu erro, eu deveria ter me aperfeiçoado um pouco mais, ter estudado mais pra ter melhor formação, pra passar um pouco mais de sabedoria, mas eu acho que no dia-a-dia dentro da sala de aula, eu acho que não tem diferença. (Isa, auxiliar)*

Quando questionada a respeito do que é mais importante para o

### Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 133

exercício da função de auxiliar de sala, uma professora respondeu:

*Eu acho que é o conjunto, tem que ter os dois, porque como eu, eu tenho experiência, só tenho pouca formação, isso é que falta, então um complementa o outro, tu podes ter experiência a vida toda, mas se tu não tens uma formação, aquela experiência com o tempo vai se desgastando, porque chega na hora um pai fala, eu argumento, mas não convenceo, isso falta, então só experiência ou só formação também não adianta, chega lá tu vai ter um baque, tu vai querer sair correndo, aquelas crianças tudo agitada, o que tu vais fazer, então eu acho que uma coisa complementa a outra. (Teresa, professora)*

Outra professora também defende a importância conjunta da experiência e da formação:

*Eu acho que os dois, porque formação é um esforço, a gente não pode é ficar ilhado aqui na creche...eu morro de vontade, não vou morrer sem ainda terminar uma faculdade, mesmo que já me disseram que foi ilusão, não vai achando...a resposta não está lá, mas é uma curiosidade minha. Se falam tanto dos professores que querem coisas impossíveis, acho que ninguém melhor do que a gente que tem experiência para contestar com certeza... (Josi, professora)*

Ter feito os cursos, no entanto, não significa que esses ajudem a exercer a função de professora:

*... ajuda mais ou menos, em parte ajuda, em parte não. Digo assim: se eu quero fazer um trabalho com a criança, tem muita teoria, claro que tem toda a teoria, mas tem coisa assim que eu, experiências tem coisa que eu tenho que buscar em livros ou pedir ajuda, acho que faltou muito. (Cida, professora)*

A professora Teresa também se mostra insatisfeita em relação aos cursos que fez, achando que não lhe ajudam muito no trabalho:

*Não ajuda, foi só um diploma. Como o adicional, também só foi um canudo. Algumas disciplinas eu aprendi um monte de coisas, deu pra me introduzir no meu trabalho. (Teresa, professora)*

Marta, também professora, valoriza o curso, mas enfatiza a impor-

### 134 • Ana Beatriz Cerisara

tância da experiência:

*O curso ajudou e a pratica é que ajuda mais, porque a gente aprende mais de que ensina. No decorrer do tempo a gente aprende bastante com eles, também a gente ensina bastante, né? (Marta, professora)*

Sobre a necessidade ou não de haver professora na creche, uma auxiliar responde:

*...precisa ter professora, é claro que precisa, só que eu acho que professora tem um conhecimento maior que a auxiliar de sala, só porque ela tem magistério, ela tem tudo. Mas tem professora que tem magistério e vem pra cá e faz um monte de pergunta. Eu acho que é a experiência do dia-a-dia é que faz a professora, não é o magistério, não é o canudo, sabe, é a experiência do dia-a-dia. (Luciana, auxiliar)*

Ao ser questionada a respeito da necessidade de haver professora e auxiliar de sala trabalhando juntas, diz:

*Porque a professora tem o magistério, estudou mais, talvez por isso. (Luciana, auxiliar)*

Segundo o depoimento de uma professora, a diferença entre auxiliares de sala e as professoras varia dependendo da professora, mas quando se trata do trabalho no berçário a diferença entre elas desaparece:

*Acho que tem diferença, depende de professor para professor. Não há diferença se vai para o Berçário. Tem a mesma função ali, que é trocar, os estímulos são os mesmos, porque ambas uma aprende com a outra e as crianças conhecem as duas, passam a conhecer as duas. E o que muda é que algumas não fizeram o magistério e não fazem plano e eu costumo trabalhar com troca de idéias entre auxiliar e professora. (Marta, professora)*

Todos esses depoimentos parecem indicar que tanto auxiliares de sala quanto professoras sentem a *artificialidade* das diferentes posições que ocupam dentro da creche. Na maioria das entrevistadas, percebe-se um movimento que oscila entre o esforço para justificar essa situação e uma insatisfação frente à mesma. Movimentos de resistência e acomodação circulam pelos depoimentos dados.

### Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 135

Percebe-se que nem as auxiliares de sala, nem as professoras apresentam condições adequadas para o exercício da função de professora de crianças de 0 a 6 anos. A experiência acumulada de algumas não é suficiente para a realização do trabalho, da mesma forma que os cursos realizados e que deveriam habilitar as professoras para assumir o trabalho com crianças pequenas não o fazem.

No entanto, há uma busca de qualificação e uma valorização das oportunidades de formação num esforço por encontrar bases e orientações para o exercício de uma função que se encontra em transição. Uma nova identidade se vislumbra e pode firmar-se, levando em conta as inserções concretas estabelecidas até aqui, onde convivem estas profissionais exercendo funções hoje tão similares, mas cujo processo histórico de construção profissional foi bastante diferente. As professoras de lugares tão distintos como o da professora tal como concebida para o exercício desta função nas escolas de ensino fundamental e o da funcionária de serviços gerais, parecem ambas estar chegando em um ponto de encontro. Este encontro, no entanto, implica em uma (re)significação da função da creche e da identidade da professora de educação infantil, que não é nem a da professora de séries iniciais, nem a da funcionária de serviços gerais, nem a da mãe.

A partir dos elementos aqui apresentados, fica evidente ainda o quanto é urgente que todas as profissionais que atuam diretamente com crianças assumam a função de professoras, a fim de atender a especificidade que o trabalho em instituições educativas – creches e pré-escolas – deve assumir. Além disso, fica também evidente que a qualidade do trabalho depende de uma política que contemple a necessidade de formação inicial e continuada destas professoras, formação essa voltada para especificidade do trabalho com crianças pequenas.

#### Notas

- 1 Este artigo foi inspirado na pesquisa realizada como parte da minha tese de doutorado "*A construção da identidade das profissionais de educação infantil: entre o feminino e o profissional*", FEUSP, 1996.
- 2 O termo profissionais de educação infantil está sendo usado neste texto para fazer referência às duas profissionais que atuam diretamente com as crianças de 0 a 6 anos nas creches municipais de Florianópolis: professoras e auxiliares de sala.

**136 • Ana Beatriz Cerisara**

- 3 Carvalho e Vianna, 1993, p.90.
- 4 Carvalho e Vianna, 1994, p.141.
- 5 A reflexão sobre a creche tomou como ponto de partida alguns estudos sobre a instituição escolar sem que as diferenças entre as mesmas deixassem de ser consideradas.
- 6 Carvalho, 1992, p.4.
- 7 Carvalho e Vianna, 1994, p.138.
- 8 Em diferentes municípios do país é possível encontrar profissionais trabalhando diretamente com as crianças em creches e pré-escolas com denominações e categorias funcionais diferentes. Apesar das diferenças regionais, a discussão em torno da identidade da professora de educação infantil precisa ser feita.
- 9 Rede Municipal de Ensino de Florianópolis.
- 10 Carvalho e Vianna, 1993, p.31.
- 11 Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis.
- 12 Carvalho, 1992, p.13.
- 13 Bruschini e Amado, p.7.
- 14 Ver situação das creches na região de metropolitana de Belo Horizonte, MEC, 1994, p.105-109.
- 15 Carvalho e Vianna, 1993, p.31.
- 16 Castro e Lavinias, 1992, p.228.
- 17 Carvalho, 1992, p.17.

**Referências bibliográficas:**

ANYON, Jean. Intersecções de gêneros e classe: acomodação e resistência de mulheres e meninas às ideologias de papéis sexuais. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo : Cortez; Fundação Carlos Chagas, n. 73, p.13-25, maio, 1990.



**Dinâmica das relações entre profissionais de educação infantil • 137**

- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. *Política de Educação Infantil - Proposta*. Brasília : MEC, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Por uma política de Formação do Profissional de Educação Infantil*. Brasília : MEC, 1994a.
- \_\_\_\_\_. *Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças*. Brasília : MEC, 1995.
- BRUSCHINI, Cristina. Vocação ou profissão. *Revista da ANDE*, São Paulo : CNPQ e FINEP, ano 1, n.2, p.70-74, 1981.
- BRUSCHINI, Cristina, AMADO, Tina. Estudos sobre mulher e educa o: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo :Cortez; Funda o Carlos Chagas, n.64, p. 4-13, fev. 1988.
- CARVALHO, Marília Pinto de. *Entre a casa e a escola: educadoras do 1  grau na periferia de São Paulo*. São Paulo (mimeo.) 1992.
- CARVALHO, Marília Pinto de, VIANNA, Cláudia P. *Educadoras e mães de alunos em escolas públicas de 1  grau: um (des)encontro*. São Paulo:Funda o Carlos Chagas, ago. 1993 (mimeo).
- CARVALHO, Marília Pinto de, VIANNA, Cláudia. Educadoras e mães de alunos: um des(encontro). IN: BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.) *Novos olhares: mulheres e Rela es de g nero no Brasil*. São Paulo : Funda o Carlos Chagas ; Marco Zero, p. 133-158, 1992.
- CASTRO, Mary G., LAVINAS, Lena. Do feminino ao g nero: a constru o de um objeto. In: BRUSCHINI, Cristina e SORJ, Bila (orgs.) *Novos olhares: mulheres e rela es e g nero na Brasil*. São Paulo : Funda o Carlos Chagas ; Marco Zero, p. 216-251, 1992.
- CERISARA, Ana Beatriz. A constru o da identidade das profissionais de educa o infantil: entre o feminino e o profissional. FEUSP, 1996. (tese de doutorado)
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. A educa o da mulher: a feminiza o do magistério. *Teoria e Educa o*, Porto Alegre, n.4, 1991.
- \_\_\_\_\_. Pensar categorias em história da educa o e g nero. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP*, São Paulo : EDUC, n.11, p. 7-18, nov. 1994.
- LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educa o sob a perspectiva do g nero. *Projeto História: revista do Programa de Estu-*

**138 • Ana Beatriz Corisara**

*dos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo : EDUC, n. 11, p. 31-46, nov. 1994.*

\_\_\_\_\_. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo : EDUC, n.11, p. 31-46, nov. 1994.*

MELLO, Guiomar Namó de. *Magistério de 1º grau: da competência técnica ao compromisso político.* São Paulo : Cortez, 1982.

PIZA, Edith. A contaminação de práticas no trabalho do magistério: notas para reflexão. *Projeto História: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, São Paulo: EDUC, n. 11, p. 79-90, nov. 1994.*

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade, Porto Alegre : Faced; UFRGS, n. 16 (2), p. 5-22, jul/dez. 1990.*